

MANAR DE HAMA

Mohja Kahf

Tradução de

Priscila Campolina de Sá Campello*

Frederico Dias Rosa Alves Teixeira**

Nicolas Walter dos Santos***

Julia Magalhães Matos e Silva****

Paula Bernardes Faleiro*****

A comida aqui é horrível. O cheiro da carne é nojento. Não há pão, ou café, ou azeitonas, ou queijo de verdade. Eles têm um tipo de queijo de um amarelo nojento e até o leite – Khalid diz “faça queijo você mesma se não há queijo”, mas até o leite aqui é sem gosto. Até os ovos têm gemas pálidas. Eu não sei o que eles comem na América. Já perdi 5 quilos nesses meses desde que nós deixamos a Síria.

Khalid continua dizendo “você ainda vai se acostumar, Manar, as coisas vão melhorar”. Mas eu não vejo como. Na minha terra, eu era uma mulher esperta e capaz que podia trilhar seu caminho no mundo. Sou Manar Abdalqader Sharbakly de Hama. Na minha cidade natal, Hama, ou na cidade de Khalid, Damasco, não fazia diferença. A terra conhecia os meus pés. Aqui, me perco se Khalid não está comigo em cada tarefa; as ruas são todas iguais nessa cidadezinha horrível. No meu país, eu era a primeira da turma. Aqui, sou a rainha dos burros. Não fui capaz de aprender mais que dez palavras da língua desgraçada e caótica deles. Eu acho que essas pessoas inventaram o inglês como uma tortura psicológica para estrangeiros e recém-chegados.

Os meus filhos já conseguem balbuciar em inglês, eles olham para a mãe deles que não consegue falar duas palavras para a secretária da escola e eu sei que eles sentem vergonha. Eles já estão em outro mundo, um que eu não entendo. Eles fazem coisas que me deixam de cabelo branco como se fossem coisas normais de se fazer. Meninos falando com meninas, meninas falando com meninos na escola e se sentando perto deles. Até mesmo Khalid fica chocado às vezes. Eu disse “o que você esperava, colocando-os em escolas americanas, que misturam meninos com meninas? O que os americanos sabem sobre modéstia? São os líderes mundiais da imoralidade, disso todo mundo sabe. Mas nós não temos escolha – há uma escola particular católica apenas para meninas, mas nós não podemos pagar.”

* Graduada em Letras: habilitação Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Possui mestrado em Literaturas de Língua Inglesa e doutorado em Literatura Comparada também pela FALE-UFMG e realizou o doutorado sanduíche na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill (EUA). Professora de Literaturas em Língua Inglesa no Curso de Letras da PUC-Minas e professora da Pós-graduação em Letras na mesma instituição. Desenvolve pesquisa na área de literatura de autoria feminina e literaturas de imigrantes nos Estados Unidos.

E-mail: priscilascampello@gmail.com

** Graduado em Letras (Licenciatura: Português e Inglês) pela PUC-Minas e bolsista de Mestrado da CAPES em Literaturas de Língua Portuguesa na mesma instituição.

E-mail: fred.dias@live.com

*** Graduado em Letras (Licenciatura em Português/Inglês) pela PUC-Minas. Professor de Inglês na Rede de Ensino Colegium.

E-mail: nicolaswaltersantos@gmail.com

**** Especialista em Texto Criativo pela PUC-Minas. *Freelancer* nas áreas de revisão, edição e diagramação.

E-mail: juliamagalhaesmatos@hotmail.com

***** Graduada em Letras Português/Inglês pela PUC-Minas. Professora de Língua Inglesa no curso Number One.

E-mail: faleiropaulab@gmail.com

Eu não tenho ninguém para conversar. Há uma outra família árabe na cidade, a do engenheiro que convidou Khalid para trabalhar em sua empresa. Foi assim que conseguimos permissão para entrar no país. Sua esposa é palestina, mas nasceu nos Estados Unidos e se esqueceu de suas raízes. Ela usa calça comprida e conhece bem pouco de árabe e fala comigo pelo nariz. Ela me trata como se eu fosse uma ignorante. Eu a olho atravessado porque eu uso o tipo de vestido que, no círculo social de onde venho e entre as pessoas que têm bom gosto, é a vestimenta digna para uma mulher. Lá, ela e sua calça comprida seriam vistas pelo o que são: sem gosto, grosseiras e impróprias.

Quando deixamos a Síria meses atrás, minha família acabara de ser assassinada no Massacre de Hama. Massacre, massacre, massacre, o Massacre de Hama. Pronto, falei. É real. Aconteceu. Mesmo se eu estiver cercada por pessoas que nunca ouviram falar disso. Hama: olhares vazios. Assad: olhares vazios. Síria: olhares vazios. Um governo que fuzila vinte mil de seus próprios cidadãos: olhares vazios e entreolhares nervosos.

Eles não fazem a mínima ideia de que existem pessoas no mundo fora de Sonora Falls, Illinois. Talvez com exceção da cidade ao lado, onde os rivais do time da escola moram, contra quem competem naquele esporte selvagem que os americanos jogam em vez do futebol. Aquele cujo objetivo é bater uns nos outros como bestas raivosas. Não quero que meu filho comece a gostar daquele esporte.

O mais criativo intelecto da cidade é capaz, talvez, – em um bom dia em que sua mente esteja trabalhando de maneira notável – agora estou rindo de mim mesma; menina Manar, olha onde você foi parar! É incrível como ainda não perdi minha sanidade – sim, um espécime inteligente em um dia claro é capaz de imaginar Chicago. É onde aterrissamos nos Estados Unidos, o aeroporto de Chicago. Esse é o mais longe que suas mentes irão levá-los. Eu, Manar Abdalqader Sharbakly de Hama, sou um fantasma de um lugar inexistente.

Uma semana antes de sair desse lugar inexistente, nós em Damasco esperávamos, tensos e famintos, por alguma notícia de Hama – dos meus pais, amigos, vizinhos, qualquer pessoa. Ninguém estava autorizado a entrar ou sair da cidade. Durante todo o mês, eles, as tropas de Assad, vinham cometendo assassinatos na minha linda Hama, atirando e matando, enquanto o governo negava tudo, os jornais não publicavam nada, o mundo não dizia nada. Quando tudo terminou e nós finalmente tivemos notícias claras, isso o foi o que encontramos: minha mãe, Fatima Rizkalla; meu pai, Abdalqader Sharbakly; meus irmãos, Omar e Muhammad e minha irmã Omaira e seus três filhos – todos eles mortos. A família desmoronou. Disseram que meu irmão Adli escapou do massacre, mas não da prisão. Não temos nenhuma notícia dele. Ninguém sabe e todos têm medo de perguntar, por receio de chamar a atenção das autoridades.

Por toda aquela semana eu senti que estava em um pesadelo. Com certeza alguém estava prestes a me acordar, a me dizer que tudo aquilo não era verdade. Eu iria para Hama, levando Khalid e as crianças para visitarem minha família como de costume, e encontraríamos todos lá como de costume, na casa em que cresci, a casa dos Sharbaklys, no bairro da Grande Mesquita de Al-Nuri. Até mesmo agora, meses depois, ainda surge em mim um sentimento de que nada disso está realmente acontecendo: nós aqui, nesse lugar estranho, essa vida sem gosto de vida.

Depois do massacre havia soldados em todos os cantos e o *mukhabarat*¹ espionando as pessoas ainda mais de perto que o normal, além das varreduras e prisões. Foi nos dito para deixarmos a Síria rápido. Quem nos disse: a irmã de Khalid, Lamees. Ela e Khalid não se falam desde o dia em que ela se juntou ao Partido. Mas dessa vez ela alertou; Lamees foi até a mãe de Khalid com a dica, a tempo de chegarmos ao posto de fronteira com a Jordânia uma ou duas horas antes de sermos impedidos de seguir viagem.

¹ Serviço de Inteligência Iraquiano.

E então saímos de casa. Só podíamos levar algumas coisas em pequenas sacolas porque não podíamos chamar a atenção dos oficiais da fronteira síria com muita bagagem. Deixamos tudo para trás. Deixamos as pessoas, as paisagens e todas as coisas que conhecíamos para trás, tudo o que dava sabor às nossas vidas.

Neste país não tem abóbora-pescoço nem berinjelas. O que chamam de abóbora-pescoço é longo e fino. O que chamam de berinjela é gigante e cheio de sementes. Suas cenouras são alaranjadas e pequenas, não roxas e grandes do tipo que você pode limpar e rechear. O mais repulsivo de todos é a coisa enorme e viscosa que eles chamam de pepino. Ceroso do lado de fora, molhada, cheia de sementes e sem gosto do lado de dentro, simplesmente não pode ser comida. Não consigo achar hortelã fresca. Hortelã! Sem falar no coentro. Chequei o nome em inglês para isso no dicionário árabe-inglês *Mawrid*, mas quando perguntei para a garota na mercearia, ela me olhou como se eu tivesse perguntado algo da terra de WakWak. Não há pimenta da Jamaica, sumagre ou cardamomo. Portanto, não consigo nem fazer a comida cheirar como comida.

Espere! Ontem eu senti o cheiro de pimenta da Jamaica. Confesso: segui a garota. Ela cheirava a incenso da mesquita onde a Ordem Mawlawi realiza o Círculo de Recordações. Eu entrei em transe, como uma lunática. Só recentemente ousei ir à mercearia sozinha. Tenho muito medo de me perder longe de casa e não ser entendida. Mas, ainda assim, quando senti o cheiro da pimenta, abandonei tudo e segui. Aqui havia um cheiro de casa.

Ela entrou em um Fusca com uma pintura bizarra com cores de cigana, e dirigiu para fora da cidade, saindo da autoestrada e cortando caminho por estradas de terra de fazendas. Eu segui, mesmo sem saber como eu voltaria para casa. Ela estacionou o carro em um prado e desapareceu atrás do acampamento.

Saí do meu carro e ouvi um cântico. *La ilaha illa allah, illah allah*². Soava engraçado, as palavras não estavam sendo pronunciadas corretamente, mas as reconheci. Não eram os pássaros e nem o vento sussurrando para as árvores. Gritei loucamente de paixão e dor. Alguém aqui em Sonora Falls, Illinois, fala a minha língua! Como uma louca, segui pela grama alta em direção ao cântico, com meu longo vestido deslizando entre as galhas e assustando os pequenos animais peludos.

Havia nove ou dez pessoas de pé em círculo, de olhos fechados. Eles estavam balançando suas cabeças de um lado para o outro, como os sufistas lá de casa e cantando “*La ilaha illa allah*” ou alguma coisa que parecia com isso. Mas eles não podiam ser sufistas. Os sufistas não teriam homens e mulheres abraçados pela cintura um dos outros. Os sufistas não usariam jeans curto. Nunca. Barrigas à mostra – cabelos longos, selvagens – miçangas e bandanas – Essas pessoas devem ser ciganas. Eu, Manar Abdalqader Sharbakly de Hama, havia entrado em um covil de ciganos! Recuei em pânico, mas alguém veio por trás de mim e tocou meu ombro. Um homem – me tocando!

“Ei, viajante, você é, tipo, bem-vinda a se juntar a nós”, disse ele em uma voz tão sonolenta que me fez pensar que ele estava sob efeito de drogas. Ele estava usando uma faixa na testa e estava sem camisa. Como um bandido. Ele deve ter reparado a expressão em meu rosto. “Ei, não tenha medo”, disse ele. “Nós somos todos criaturas bacanas dessa terra divina”. Algo do tipo; metade de suas palavras eu não entendi e a outra metade ele murmurou.

A essa altura, mais um ou dois deles perceberam minha presença. Uma garota alta e loira em uma longa saia amarela – na qual eu, primeiramente, pensei que fosse a única em uma vestimenta modesta no grupo, até eu ver que havia fendas em três lugares até a coxa – pôs seu braço sobre meu. “Olá! Você é bem-vinda aqui”, ela disse. “Bem-vinda”, repetiu separando as sílabas.

² Nenhum deus salvo Alá.

“Ei, ela não é retardada, Suzy, só estrangeira”.

“Ei, eu sei disso, Baron. Eu só estava tentando ir devagar, ok?”

“Obrigada”. Eu finalmente recuperei a fala. “Eu gostaria de ir para casa. Para casa”.

“Você não quer comer?” Suzy uniu as pontas de seus dedos e os levou até a altura da boca. “Comer. Nós temos muita comida”. Uma mesa estava repleta de recipientes com tampas plásticas e panelas fechadas.

Só Deus Todo Poderoso sabe o tipo de comida que essas pessoas têm aqui, pensei. Veja o jeito que eles se vestem – ou não se vestem – a sujeira por debaixo de suas unhas. Mas ao me lembrar do aroma que me fez seguir a moça da mercearia, pimenta da Jamaica nessa terra estéril, estiquei minha cabeça em direção à mesa.

“Nós temos salada de três feijões, iogurte, maçã desidratada e um pouco de húmus³...”

“Húmus? Ela disse húmus?”

“Sim, húmus”. Suzy apontou. Sim, de fato, em uma pequena vasilha lascada havia algo granulado e mais grosso, mas que razoavelmente parecia húmus.

“Chapati?”, perguntou Suzy. Eu olhei sem reação. Ela estendeu um pão achatado e redondo, minha primeira visão de algo com formato de pão de verdade desde que eu cheguei aqui. É indiano, ela me contou. Parecia pão tandoor para mim, granulado e texturizado. Eu quase delirei de fome ao vê-lo.

Era irreal. Eu nunca tinha feito nada parecido com aquilo na minha vida. Correr por um campo em direção a completos estranhos. Sentar-me para comer com pessoas cujas famílias e crenças eu desconhecia. Fui muito cuidadosa, pegando só um pouco de húmus e iogurte com pão, não querendo comer nenhuma comida impura. E um pouco de alface e tomate mal cortados. Acho que não há perigo em comer a salada. Nos sentamos na grama. O pão deles era do tipo que eu sabia partir, e fiquei completamente fora de mim pelos próximos minutos à medida que o usava como concha para pegar o húmus. Os tomates, de fato, tinham sabor.

Foi minha primeira refeição satisfatória nesse país.

“O gosto é muito bom”. Eu falei apontando para os tomates.

“Orgânico”. Suzy respondeu. Eu perguntei o que aquilo significava. Ela disse que eles cresciam naturalmente. Há outra forma para tomates crescerem?

“Você é um índio?” Eu perguntei. Por causa da faixa na cabeça do homem sem camisa. Eu nunca havia visto índios americanos antes. Foi nos ensinado na escola que o governo americano racista havia quase exterminado os habitantes originais dessas terras com campanhas de doenças, guerras e chacinas.

“Não, somos hippies”, Suzy disse. “Embora o Baron aqui seja um quarto dacota”.

“De onde você é?”, Baron perguntou.

Quando eu disse Síria seus olhares não ficaram vazios. “Faz fronteira com a Turquia, não faz?” Disse o homem negro com um penteado afro do tamanho da vila de minha mãe. Eu nunca havia visto um homem negro antes, exceto na televisão. Eu estava alarmada. Seu nome era Frank.

“Perto de Israel, não é?”, Baron disse. Empalideci quando mencionaram Israel.

“Ah sim, e do Egito”, disse uma garota de cabelos negros com uma delicada argola prateada no nariz. Eu a reconheci como Pimenta da Jamaica – a garota da mercearia.

“Ah, Egito”. Todos concordaram com a cabeça.

“Eu aprendi a dançar no Egito”. Pimenta da Jamaica acrescentou levantando seus braços nus, fazendo um movimento suave. Ótimo. Eu, Manar, filha de Shaykh Abdal Qader Sharbakly da Sociedade de Ulemás Eruditos de Hama, e sua esposa, Fatima Rizkalla, de

³ Pasta de grão-de-bico.

reputação reluzente, estava dividindo uma refeição com garotas dançantes, bandidos e – quem sabe – talvez até judeus de Israel.

Frank passou o braço em volta de Suzy e ela inclinou a cabeça sobre seu peito negro e nu. Estremeci e lembrei: as crianças chegariam da escola a qualquer minuto. E eu estava na terra de WakWak, sentada em companhia mista, com homens e mulheres se tocando, comendo húmus com orgânicos hippies pseudo-sufistas, que deve ser como as pessoas chamam os ciganos nesse país.

“Tenho que ir para casa agora”. Levantei-me, colocando minha mão sobre o peito em um sinal de reconhecimento. “Obrigada, obrigada”.

“Não há de quê, não há de quê”, responderam.

“Venham um dia a minha...” Antes de perceber o que estava fazendo, estava convidando-os para a minha casa. Era a maneira correta de se portar como convidado, ecoava em mim por tempo demais para fazer qualquer coisa. Rezei para eles não me levarem a sério.

Suzy se levantou. “Você sabe como voltar para casa?”

Encolhi os ombros. Na verdade, não sabia.

“Janice!” Ela chamou a Pimenta da Jamaica. “Ei, me dá as chaves do Fusca. Quero ter certeza de que ela chegue à cidade”. Janice jogou a chave.

Suzy me acompanhou até meu carro. Antes de entrar, me virei para ela. Eu estava muito curiosa para saber. “Você disse: *La ilaha illa allah*”, falei. “Isso é da minha crença”.

Suzy se iluminou. “Isso! *La ilaha illa allah*”. Ela destruiu a expressão com seu forte sotaque.

“Então você é... Você é...? – Estava cética, mas perguntei. “Você é – muçulmana? Você é sufista?”

Ela riu. “Sim, sufista”, ela disse.

Uma sufista! Aqui em Sonora Falls, Illinois!

“E budista também. Você conhece o Budismo?”

Eu fiz que sim. Mas como ela poderia ser daquela religião que adorava seus ídolos e ser muçulmana?

“Somos tudo. Sufistas, budistas, hindus, cristãos, judeus...” Nesse ponto, senti arrepios e duvidei novamente do momento. “Taoístas, nativos, pagãos. Tudo é bom. Tudo é amor”.

Não, não é. Nem tudo é bom. Nem tudo é amor. Sei disso. Minha família não estaria toda morta se tudo fosse amor, minha cidade natal não estaria toda em ruínas. Mas Suzy dirigiu até a cidade em um Fusca loucamente pintado e a segui até a mercearia onde havia encontrado a Pimenta da Jamaica. “Tudo é amor. Adeus”. Suzy gritou, acenando na interseção onde reconheci meu caminho de volta para casa.

O Massacre de Hama aconteceu em fevereiro de 1982.

Data de submissão: 24/09/2020.

Data de aceite: 12/11/2020.